

## Índice

Febre de mudança na escola .....	1
----------------------------------	---

### Febre de mudança na escola

Inger Enkvist, catedrática de castelhano na Universidade de Lund (Suécia), converteu-se numa referência do resistir à Nova Pedagogia, que dá prioridade aos métodos de trabalho e ao bem-estar afetivo dos estudantes em detrimento da aquisição de conhecimentos. No livro-entrevista "[Controversias educativas](#)", publicado pela Ediciones Encuentro (184 págs., Madrid, 2019), conversa com a jornalista Olga R. Sanmartín sobre as implicações desta forma de conceber o ensino. Reproduzimos alguns fragmentos (texto reproduzido por cortesia da editora).

— *Como são os alunos de hoje? Sabem menos do que antigamente?*

— Em geral, são mais frágeis do que antigamente, por não terem sido expostos à exigência e à frustração. Além disso, têm menos conhecimentos de língua e de cultura geral. (...) Não tiveram a obrigação de aprender as capitais, a cronologia histórica ou outros conhecimentos gerais. Apresentou-se como uma modernização e uma aproximação ao gosto e à iniciativa do aluno uma série de mudanças que, entre outras coisas, implicaram reduzir a matéria dada. (...) Em troca, generalizou-se a ideia de que aprender um método de trabalho é mais importante do que aprender um conteúdo, que não se torna necessário fazer exames e que nem todos os alunos vão ter de estudar todas as coisas, podendo cada um escolher um aspeto concreto e fazer uma exposição oral sobre ele. É neste ponto que se juntam o divertido e o moderno com o conceito da escola solidária (...).

### Utopia igualitarista

— *Existe uma relação entre a Nova Pedagogia e o uso de dispositivos eletrónicos na sala de aula?*

— Sim, há uma aliança contranatura entre os românticos da Nova Pedagogia e os amantes das novidades tecnológicas. Os românticos da Nova Pedagogia querem que o aluno escolha o seu próprio processo de aprendizagem e não tenha de seguir as orientações de um professor. Acontece que a Internet abre a possibilidade de um jovem trabalhar à margem do professor como se fosse um investigador, embora na realidade não o seja, porque para que isto funcione bem tem de ter persistência e, sobretudo, muitos conhecimentos prévios.

— *De onde vem a Nova Pedagogia? Quem a inventou? Qual a origem deste termo?*

— Em primeiro lugar, para definir esta tendência não existe uma única denominação que seja aceite por todos. Por vezes, refere-se Nova Pedagogia, noutras, é utilizado o termo *pedagogia progressista*, e também a expressão *pedagogia ativa*. Pode-se localizar o efeito de Jean-Jacques Rousseau no século XVIII, mas há igualmente vários pedagogos em séculos posteriores. No século XX, esta corrente tornou-se mais frequente, por existirem mais possibilidades práticas de trabalhar com grupos mais pequenos. John Dewey, no seu conhecido livro "Democracy and Education", escrito em 1916, antepunha os fins políticos ao estritamente educativo, procurando assim servir-se da educação para implementar um ideal. Para obter essa utopia social, queria todas as crianças na mesma sala de aula e contribuindo com algo para o comum. Ele nunca falava do que deviam aprender nas diferentes disciplinas académicas, mas de como se trabalhava. E isso vai ser muito característico dos novos pedagogos: o método é prioritário. (...)

— *Por que motivo se implantam estas ideias?*

— Pelo mesmo que tornou famoso John Dewey: porque representam o sonho dos igualitaristas, que querem que todos os alunos obtenham os mesmos resultados. Além dos trabalhos por projetos e em equipa, foram sendo retirados conteúdos, porque se receia que muitos conteúdos gerem desigualdade. Os igualitaristas muito menos são favoráveis aos exames ou às revalidações, porque estas avaliações revelam que alguns estudantes aprenderam mais do que outros. Provavelmente, a princípio pensou-se que muito menos era assim tão importante se se aprendia um pouco menos, mas o que aconteceu é que o nível foi baixando sucessivamente cada vez mais. Aquilo que sabem os alunos já não é um pouco menos, é bastante menos. Hoje temos escolas para todos, com ótimos equipamentos, mas curiosamente não nos atrevemos a exigir que se estude.

— *Não vejo os pedagogos a urdir um plano para que as crianças não aprendam.*

— Não acho tão-pouco que fosse uma ação intencional, mas foi negligente, por omissão. Entraram em circulação muitas ideias sem comprovação prévia. Como disse, provavelmente pensaram que saber um pouco menos não importava. Depois referiram que o conhecimento muda tão rapidamente que, se não se aprende o que se diz hoje, também não é relevante, porque não vai permanecer para sempre. Outro dos tópicos, mais recente, é que nada nos prepara para o mercado laboral que existirá dentro de alguns anos. E também se afirma que, daqui a dez anos, os robôs terão substituído os humanos em grande parte dos trabalhos que existem atualmente. Em resumo, o argumento é que, embora diminuam os conhecimentos, isso não tem uma importância excessiva. (...)

— *Haverá evidências hoje de que os países onde se implantou a Nova Pedagogia terão piorado os seus resultados?*

— Temos os relatórios PISA, que é o mais próximo para uma comparação de qualidade por países. (...) Surgiram algumas surpresas, porque os países melhor classificados não são os historicamente pioneiros na educação, mas países que têm um passado educativo de menor destaque. Refiro-me a alguns territórios do leste asiático como Xangai, Singapura, Hong Kong, Japão e Taiwan. Também tiveram boas classificações países como Finlândia, Estónia, Irlanda e, recentemente, Portugal.

Que têm em comum estes países? Não terem aplicado as políticas educativas na moda. Por exemplo, não dão mais importância à psicologia do aluno do que ao currículo, não trabalham tanto em equipa e não organizam o trabalho por projetos ou em forma de problemas para resolver. Mantêm a exigência e mantêm os exames. Em relação aos professores, conseguem atrair para a profissão docente pessoas inteligentes que gostam de ensinar matérias.

Pelo contrário, chamou muito a atenção que países prósperos que puderam permitir-se o luxo de fazer experiências com as suas escolas não estejam entre os primeiros lugares, apesar de

terem uma excelente tradição educativa. Por exemplo, Reino Unido, França, Alemanha e Suécia. Costumavam ter excelentes resultados, mas já não os têm. (...)

## Modelos de referência

— *Os millennials às vezes parecem pessoas insatisfeitas e mostram expectativas que nem sempre têm correspondência com a realidade. Os empregadores referem que eles, embora sejam muito bem formados, quando chegam a um posto de trabalho, a seguir querem chegar ao topo ignorando o caminho prévio. Ou então decidem rapidamente que o trabalho não os satisfaz e abandonam-no.*

— Penso existir um problema que vai ter consequências muito importantes no futuro para as nossas sociedades liberais e democráticas, assim como para o Estado Providência: há uma tendência para deixar andar e fazer o menos possível. A exigência de um sucesso imediato não é realista e vai levar a muitas deceções. Vê-se, por exemplo, nalgumas jovens feministas. Disseram-lhes que as mulheres eram oprimidas e agora chegam a um lugar e depois perguntam: “Por que motivo não há mais mulheres?”. É a exigência de que tudo aconteça de imediato e como os jovens querem. Os *millennials* apresentam-se como juizes dos adultos, que lhes prodigalizaram demasiadas deferências. Pensam ser algo que lhes é devido. As suas expectativas são enormes e isso condena-os a estarem permanentemente insatisfeitos com os outros e com o mundo. (...)

— *Mudámos os modelos de referência: do professor para o youtuber. Como se repercute no indivíduo esse culto pela celebridade?*

— Esta mudança implica que o papel dos pais, e também o dos professores, seja mais importante do que nunca, porque o filho se expõe a mais modelos negativos. Nenhuma referência é tão importante como os pais. A educação é muito mais segura, estável e de sucesso se a escola e a família caminharem na mesma direção, se se reforçarem uma à outra. A família necessita da escola e a escola necessita da família. (...)

— *Como mudou o papel dos pais nos últimos anos? Como são os pais agora? O psicanalista Massimo Recalcati afirma que os pais se converteram nos sindicalistas dos seus filhos.*

— Há uma tendência nos pais para evitar o conflito que pode envolver a educação dos seus filhos. Os pais querem ser amados pelos seus filhos e não aguentam ter de assumir posições de firmeza e que o filho os rejeite, mesmo que seja somente por pouco tempo. Como disse o filósofo Fernando Savater, todos querem ser mães e ninguém quer ser pai, referindo-se ao facto dos dois componentes do casal adotarem

o papel de cuidadores e de protetores mais do que o de educadores.

A tendência leva também a entregar à escola a tarefa de educar no bom comportamento, mas, simultaneamente, reclamar que o filho seja protegido e não se lhe exija nada. Isso enfraquece o jovem e também os pais, a escola e a sociedade.

Há três coisas que os pais podem fazer. Para começar, deveriam promover um lar tranquilo e seguro para a criança, algo que não é nada fácil hoje, porque os adultos trabalham e viajam muito, quando aquilo de que necessitam os seus filhos é de estabilidade e de tê-los a seu lado.

Também é muito recomendável que conversem com os seus filhos sobre o que se passa nas suas vidas e sobre o que estão a aprender na escola, sobre os livros que leem os pais ou sobre as notícias que saem na imprensa.

Por último, é muito importante ter a força suficiente para saber dizer-lhes não. Hoje observa-se que os pais dizem ao filho, por exemplo, que já esteve demasiado tempo a ver televisão, mas depois, se a criança continua a ver os desenhos animados, não insistem. Ou dizem-lhe que deixe os videogames e vá fazer os trabalhos de casa, mas o filho continua a jogar e nada acontece. Aos pais custa negar alguma coisa ao filho, porque querem e desejam que o filho goste deles. Mas o carinho demonstra-se para com o filho dizendo às vezes não.

Sobre o que afirma Recalcati, acontece que alguns pais não fazem nas suas casas aquilo que acabo de mencionar, mas acham que têm direito de intervir na escola. São os chamados *pais helicóptero*, por estarem constantemente em cima dos seus filhos, a controlar tudo, a intervir continuamente, mas também a desaparecer nos momentos importantes. Perturbam a rotina da aula e incomodam o professor, que se sente ameaçado. Isto é muito negativo. O papel dos pais é educar em casa e o dos professores, educar na escola. Se cada uma das partes cumprir o seu papel e respeitar o da outra parte, tudo correrá melhor. (...)

### **Companheirismo entre professores**

— *Tem vindo a elaborar um relatório que lhe foi pedido pelo governo sueco sobre a formação docente. Que três coisas propõe para melhorar a qualidade da docência?*

— O que proponho, em primeiro lugar, é elevar a fasquia para entrar e exigir uma nota mais alta para poder frequentar o curso do Magistério. Em segundo lugar, proponho melhorar a qualidade da formação docente de um ponto de vista intelectual, introduzindo um teste de conhecimentos sobre as matérias no final do curso e ainda um teste linguístico para todos os professores, incluindo os do ensino infantil e da

Formação Profissional, mas com diferentes níveis de exigência. Isto porque um professor representa o Estado e deve saber expressar-se adequadamente e com a suficiente formalidade se a ocasião o exigir. O objetivo é que os professores estejam verdadeiramente qualificados e o título não seja um simples papel.

— *Que aprendeu ao redigir o seu relatório?*

— Estudei os sistemas anglo-saxónicos e asiáticos, onde mais se tem vindo a desenvolver a formação docente. Primeiro, aprende-se a matéria na universidade e, depois, a prática docente aprende-se numa escola. A novidade é que está a perder peso a formação docente na universidade e tem-se vindo a desenvolver nas escolas, onde cada vez há mais mentores e tutores que ajudam os professores novatos. Esta é uma tendência muito forte no Reino Unido, EUA, Japão, Singapura, Hong Kong e China. Vejo isso com satisfação. Em quase todos os países existe um descontentamento pela formação recebida na universidade e os países que se atualizaram, transferiram a parte prática para as escolas.

O professor necessita de aprender rodeado de bons professores. Por isso, necessitamos de construir novas estruturas para os apoiar, para que estejam motivados e estimulados ao longo da sua vida laboral. (...)

— *Devem os professores receber incentivos em função dos resultados dos alunos?*

— Depende. Há um forte debate sobre isto. Existe um grande obstáculo, que é que, se há alunos que não estudam realmente ou trazem carências do ano letivo anterior, o professor tem de fazer um trabalho a dobrar. O economista Eric A. Hanushek diz que se deve pagar mais aos melhores professores porque a sua contribuição para o bem-estar do país se pode medir em dólares, mas ele próprio reconhece que é difícil definir ou identificar essa qualidade. O que considero melhor é criar ambientes onde os professores colaboram e se apoiam e onde os alunos se esforçam. É mais fácil alcançar a qualidade num bom ambiente. Para conservar professores assim numa escola e para que estejam bem e desenvolvam o seu ensino, tem de ser criado um ambiente de interesse pelas matérias e de companheirismo, para que tirem o melhor de si próprios e estejam contentes. (...)

### **Os ecrãs não dão a motivação**

— *Que consequências tem a digitalização no processo educativo? Como estão a afetar as novas tecnologias a aprendizagem?*

— É evidente que todos os alunos devem saber mexer nos computadores, sobre isso não há a mínima dúvida. Também há

aspectos de determinadas disciplinas acadêmicas que se podem ilustrar com as novas tecnologias. Por exemplo, no estudo dos órgãos do corpo nas Ciências Naturais, onde têm uma utilidade de aprendizagem muito clara. Dito isto, não é assim muito notório que os ecrãs façam melhorar a aprendizagem. (...)

— *Considera existir uma relação entre a ênfase que é dada ao fomento da tecnologia e a tendência para exigir menos esforço aos alunos. Porquê?*

— Por vezes, tende-se a pensar que usando tecnologias, o estudo vai ser mais divertido, algo que pode sê-lo efetivamente num momento inicial, quando são novas, mas depois os alunos acostumam-se, perde-se o valor do entretenimento e acaba por ser a mesma aprendizagem de sempre. Apesar de se dizer de forma recorrente que os alunos são capazes de ter o computador à frente deles sem se distraírem enquanto escutam a lição do professor, são muitos os que caem na tentação de ir ao seu Facebook, enviar mensagens aos seus amigos ou ver vídeos no YouTube. Os que mais sucumbem são os que menos compreendem o que se está a passar na aprendizagem da sala de aula e para os quais é menos clara a importância de aprender. Daí que sejam os mais atrasados quem mais perde com as tecnologias.

— *Mas em Singapura usam muita tecnologia e as coisas correm muito bem.*

— Porque não discutem o respeito pelo professor, o apoio da família à escola e a ordem na sala de aula. Em geral, geriram melhor o tempo de aprendizagem e dão-se bem com as novas tecnologias, porque primeiro têm uma base de conhecimentos concretos. Funcionaria igualmente bem no Ocidente para grupos similares, mas há muitos outros alunos. (...)

— *Recordo que no seu livro “La buena y la mala educación” (Ediciones Encuentro, 2011) contava a história de um professor francês, Serge Boimare, que lia na sala de aula em voz alta e os alunos deixavam-se levar pelo prazer da leitura e abstraíam-se de tudo.*

— Essa é a grande virtude das Humanidades: o professor converte-se no centro e os alunos sentem-se aliviados, porque podem deixar-se levar e guiar. As Humanidades permitem que os estudantes mais atrasados desfrutem, com a simples escuta, como os restantes.